

A Expressão das paixões

Charles Le Brun

Tradução de Leila de Aguiar Costa

Senhores,

Na última assembléia, aprovastes o desejo que manifestei de vos entreter hoje sobre a expressão. Antes de qualquer outra coisa, importa saber em que ela consiste. A expressão, a meu ver, é uma ingênua e natural semelhança das coisas que se quer representar: ela é necessária e participa de todas as partes da pintura; um quadro não saberia ser perfeito sem a expressão; é ela que marca os verdadeiros caracteres de cada coisa; é graças a ela que se distingue a natureza dos corpos, que as figuras parecem ter movimento e que tudo o que é ilusório¹ parece ser verdadeiro. Ela está tanto na cor quanto no desenho. Ela deve participar da representação das paisagens e do conjunto das figuras.

Eis o que procurei, Senhores, fazer-vos observar nas conferências passadas². Hoje, procurarei fazer-vos ver que a expressão é também uma parte que marca os movimentos do coração e torna visíveis os efeitos das paixões.

¹ "Feint", no original (N. do T.).

² Le Brun refere-se às conferências pronunciadas em 7 de maio e em 5 de novembro de 1667. Na primeira, analisava o *Saint Michel terrassant le démon* de Rafael e, na segunda, *Les Israélites recueillant la manne dans le désert* de Poussin. Uma e outra conferência prestaram-se, como era de esperar, a um discurso pedagógico sobre vícios e virtudes da pintura. Do quadro de Rafael, Le Brun elogia a bela disposição, a correção do desenho e a conveniência das expressões, e condena algumas "extravagâncias" como, por exemplo, o *contrapposto* acentuado e a "*figure pyramidale et mouvante en façon de flamme*". Observe-se, ainda, que ele soube apreciar a figura do diabo, a quem atribui uma beleza na deformidade: "*ce qui paraît le plus difforme dans toutes les parties de son corps ne laisse pas de faire une grande beauté dans la composition de ce tableau*". A conferência sobre o quadro de Poussin,

Há tantas pessoas sápias que trataram das paixões que não podemos dizer senão o que elas já escreveram. Assim, ao falar aqui sobre sua opinião nesta matéria, minha finalidade é a de fazer melhor compreender o que diz respeito à nossa arte, procurando sobretudo instruir os jovens estudantes de pintura. É o que procurarei fazer o mais brevemente possível.

Inicialmente, a paixão é um movimento da alma que reside na parte sensível. Este movimento se dá para seguir o que a alma julga ser bom ou para fugir do que ela julga ser mau. Costumeiramente, tudo o que causa paixão à alma resulta em alguma ação do corpo.

Neste sentido, como é verdade que a maioria das paixões da alma produz ações corporais, é necessário que saibamos quais são as ações do corpo que expressam as paixões, e o que é ação. A ação não é senão o movimento de alguma parte, e o movimento somente se faz pela mudança dos músculos; os músculos têm movimento apenas pela mediação dos nervos que os unem e que por eles passam; os nervos agem apenas pelos espíritos que estão contidos nas cavidades do cérebro; e o cérebro recebe os espíritos tão-somente do sangue, que passa continuamente pelo coração, aquece-o e o rarefaz de tal maneira que produz certo ar sutil, que é levado ao cérebro e que acaba por preenchê-lo.

como afirma o comentador Alain Mérot, é um "modèle d'analyse. Il prend soin de la diviser hiérarchiquement en quatre parties, commentant tour à tour la 'disposition' générale de l'oeuvre (dont il fait soigneusement description), les proportions des figures, l'expression des passions [...] et la 'perspective des plans et de l'air' (c'est-à-dire la lumière et les couleurs) [...] Complétant des propos tenus sur le Laocoon, Le Brun fournit un véritable répertoire des prototypes antiques que Poussin avait à sa disposition à Rome et dont il s'est inspiré pour ses différents personnages; il le complète par des considérations sur les vêtements" (Mérot, 1996, p.98). Se ao longo da sessão de 5 de novembro censuras haviam sido feitas ao quadro de Poussin, sobretudo no que diz respeito à fidelidade à narrativa bíblica e sobre as unidades de ação, tempo e lugar, Le Brun defende Poussin e sua concepção de arte. É como esclarece uma vez mais Mérot: "en multipliant les 'péripéties' qui permettent au spectateur de comprendre comment les Hébreux affamés passent de l'affliction à la joie puis à la reconnaissance envers la miséricorde divine, le peintre, en restituant le déroulement d'un récit, rivalise avec le poète épique ou dramatique. Non content d'imiter les actions passées, il doit inventer avec ses moyens propres, une oeuvre qui donne à penser" (ibidem, p.99) (N. do T.).

Assim preenchido, o cérebro reenvia esses espíritos às outras partes pelos nervos, que são como que pequenos fios ou tubos que levam esses espíritos para os músculos, de acordo com a necessidade que estes têm de, mais ou menos, praticar a ação para a qual são solicitados.

Neste sentido, o músculo que mais age recebe maior número de espíritos e, conseqüentemente, incha-se mais que os outros, privados que são; esta privação faz com que tais músculos pareçam mais frouxos e mais estreitos que os outros.

É fato que a alma está unida a todas as partes do corpo. Há, entretanto, diversas opiniões a respeito do lugar onde ela exerce mais particularmente suas funções. Alguns defendem que é a pequena glândula³ que se encontra no meio do cérebro, pois que esta parte é única e que todas as outras são duplas. E como temos dois olhos, duas mãos e duas orelhas, e como todos os órgãos de nossos sentidos exteriores são duplos, é preciso que haja um lugar onde as duas imagens que vêm pelos olhos, ou as duas outras impressões que chegam de um único objeto pelos órgãos duplos dos outros sentidos, possam se reunir em uma só, antes de alcançar a alma para não lhe representar dois objetos em vez de um. Outros dizem que aquele lugar se encontra no coração, pois que é ali que sentimos as paixões. Para mim, sou da opinião de que a alma recebe as impressões das paixões no cérebro e que ela experimenta seus efeitos no coração. Os movimentos exteriores que observei muito me levam a acreditar nesta opinião.

Os antigos filósofos, que atribuíram dois apetites à parte sensível da alma, locam no apetite concupiscível as paixões simples e no apetite irascível as mais violentas e as compostas⁴. Eles pretendem que o amor, o ódio, o desejo, a alegria e a tristeza se localizam no primeiro, e que o temor, a astúcia, a esperança, o desespero, a ira e o medo residem no segundo. Outros acrescentam ao primeiro apetite a admiração;

³ A saber, a glândula pineal, responsável pela secreção da melatonina, hormônio que atua na regulação dos ritmos biológicos (N. do T.).

⁴ Como querem, igualmente, os dicionários de Furetière e da *Académie Française*. Para o primeiro, a paixão se define por "*différentes agitations de l'âme selon des divers objets qui se présentent à ses sens [...]. Les passions de l'appétit concupiscible sont la volupté et la douleur, la cupidité et la suite, l'amour et la haine. Celles de l'appétit irascible sont la colère, l'audace, la crainte, l'espérance et le désespoir. C'est ainsi qu'on les divise communément*". A definição do segundo é bem mais breve, mas merece ser aqui reportada: "*Passion. s. f. Mouvement de l'âme excité dans la partie concupiscible, ou dans la partie irascible*" (N. do T.).

em seguida, o amor, o ódio, o desejo, a alegria e a tristeza, e destas duas últimas derivam as outras que são compostas, como o temor, a astúcia, a esperança.

Antes de tratar de seus movimentos exteriores, não será então despropositado falar algo sobre a natureza destas paixões a fim de melhor conhecê-las. Começaremos pela admiração.

A ADMIRAÇÃO é uma surpresa que faz com que a alma considere com atenção os objetos que lhe parecem raros e extraordinários. Esta surpresa possui tal poder que impulsiona os espíritos para o lugar onde se localiza a impressão do objeto; os espíritos estão tão ocupados em considerar esta impressão que todos passam para os músculos, fazendo com que o corpo permaneça imóvel como uma estátua. Este excesso de admiração produz a surpresa, e a surpresa pode se dar antes mesmo que saibamos se este objeto nos convém ou não. Eis porque me parece que a admiração é a primeira de todas as paixões, pois a ela se unem a estima ou o desdém, de acordo com a grandeza, ou pequenez, de um objeto; e da estima vem a veneração, e do simples desdém, o desprezo. Mas quando uma coisa é representada como boa para nós, isto nos faz experimentar por ela amor; quando é representada como má ou prejudicial, isto nos excita ao ódio.

O AMOR é, pois, uma emoção da alma causada por movimentos que a incitam a se unir voluntariamente aos objetos que nos parecem convenientes.

O ÓDIO é uma emoção causada pelos espíritos que incitam na alma o desejo de se separar dos objetos que se lhe apresentam como prejudiciais.

O DESEJO é uma agitação da alma causada pelos espíritos que a dispõem a desejar coisas que ela julga convenientes; eis porque desejamos não somente a presença do bem ausente, mas igualmente a conservação do presente.

A ALEGRIA é uma agradável emoção da alma que a faz usufruir do bem que as impressões do cérebro lhe apresentam como seu.

A TRISTEZA é uma languidez desagradável que consiste no incômodo que a alma recebe do mal ou das imperfeições⁵ que as impressões do cérebro lhe representam.

⁵ "Déjàut", no original (N. do T.).

As paixões compostas

O TEMOR é a apreensão de um mal por vir, apreensão que precede os males que nos ameaçam.

A ESPERANÇA é uma forte aparência ou opinião de que obteremos o que desejamos. Quando a esperança é extrema, ela se torna segurança; mas, em caso contrário, o extremo temor se torna desespero.

O DESESPERO é a opinião de não se poder obter o que desejamos, fazendo com que percamos até mesmo o que possuímos.

A ASTÚCIA é um movimento do apetite pelo qual a alma se eleva contra o mal a fim de combatê-lo.

A IRA é uma agitação turbulenta que a dor e a astúcia excitam no apetite. Graças a esta agitação, a alma se isola em si mesma para se afastar da injúria recebida e, ao mesmo tempo, eleva-se contra a causa que a injúria, a fim de dela se vingar.

Há diversas outras paixões que não nomearei aqui, contentando-me apenas em delas vos fazer ver algumas figuras. Mas, antes disso, diremos quais são os movimentos do sangue e dos espíritos que causam as paixões simples.

Nota-se que a admiração não causa mudança alguma no coração, nem no sangue, como acontece nas outras paixões. Isto porque, não tendo por objeto nem o bem nem o mal, mas apenas desejando conhecer a coisa que se admira, ela não tem relação com o coração nem com o sangue, dos quais dependem todos os bens do corpo.

No amor, quando só, isto é, quando não vem acompanhado de alguma forte alegria, ou desejo, ou tristeza, o batimento do pulso permanece uniforme e muito maior e mais forte do que de costume. Sente-se um doce calor no peito, e a digestão das carnes se dá calmamente no estômago, de modo que esta paixão é útil para a saúde.

Na ira, pelo contrário, nota-se que o pulso é variável, menor e frequentemente mais acelerado que de costume; sentem-se calores mesclados de indefiníveis ardores rudes e irritantes no peito, e o estômago deixa de desempenhar suas funções.

Na alegria, o pulso é uniforme e mais rápido que de costume, mas não tão forte, nem tão grande quanto no amor; sente-se um calor agradável, que não se dá unicamente no peito, mas que se espalha por todas as partes exteriores do corpo.

Na tristeza, o pulso é fraco e lento, e é como se amarras envolvessem o coração, apertando-o; como se gelos o esfriassem e comunicassem seu frio para o restante do corpo.

Mas o desejo tem isso de particular: ele agita o coração mais violentamente do que em outra paixão, e fornece ao cérebro um número maior de espíritos, que daí saem para ganhar os músculos e tornar todos os sentidos mais agudos e mais ágeis todas as partes do corpo.

Falei destes movimentos interiores para melhor dar a compreender a relação que entretêm com os exteriores. Direi agora quais são as partes do corpo que servem para expressar exteriormente as paixões.

Como dissemos que a alma se une a todas as partes do corpo, podemos igualmente afirmar que todas as partes do corpo podem servir para expressar as paixões: pois que o medo pode ser expresso por um homem que corre e que foge; e a ira por um homem que fecha os punhos e que parece golpear alguém.

Mas se é verdade que há uma parte interior do corpo onde a alma exerce mais imediatamente suas funções, e que esta parte seja aquela do cérebro, podemos também dizer que o rosto é a parte de todo o corpo onde a alma deixa ver mais particularmente o que ela experimenta.

E como dissemos que a glândula que reside no centro do cérebro é o lugar onde a alma recebe as imagens das paixões, a sobrancelha é a parte de todo o rosto onde as paixões melhor se dão a conhecer, embora alguns tenham pensado que sejam os olhos. É verdade que a pupila, em razão de seu fogo e de seu movimento, dá bem a ver a agitação da alma, mas ela não dá a conhecer a natureza desta agitação. A boca e o nariz participam bem mais da expressão, mas, costumeiramente, estas partes somente seguem os movimentos do coração, como observaremos na seqüência desta conversação⁶.

E como foi dito que a alma tem dois apetites na parte sensível, e que destes dois apetites nascem todas as paixões, há igualmente dois movimentos das sobrancelhas que expressam os movimentos das paixões.

Estes dois movimentos que observei estão em perfeita relação com aqueles dois apetites, posto que aquele que se volta para o alto, em direção ao cérebro, expressa as paixões mais doces e mais temperadas e aquele que se inclina para baixo, em direção ao coração, representa as paixões mais violentas e mais cruéis. Mas eu vos diria ainda que há algo de particular nestes movimentos e que, à medida que as paixões mudam de natureza, o movimento da sobrancelha muda de forma, pois para expressar uma paixão simples o movimento é simples, e se ela é composta o movimento é composto; se a paixão é doce, o movimento é doce; e se ela é amarga, o movimento também o é.

Mas é preciso igualmente observar que há duas espécies de elevação da sobrancelha: há uma em que a sobrancelha se ergue em seu centro, e esta elevação expressa movimentos agradáveis; há outra em que a sobrancelha se ergue em direção ao centro da face, e esta elevação representa um movimento de dor e de tristeza.

⁶ "Entretien", no original (N. do T.).

É de notar que quando a sobrancelha se ergue em seu centro, a boca se ergue nos cantos; à tristeza, ela se ergue pelo centro. Mas quando a sobrancelha se abaixa pelo centro, o movimento marca uma dor corporal, e então a boca faz um efeito contrário, pois que se abaixa pelos cantos.

No riso, todas as partes se seguem, pois as sobrancelhas que se abaixam em direção ao centro do rosto fazem com que o nariz, a boca e os olhos acompanhem este movimento.

Nos choros, os movimentos são compostos e contrários, pois a sobrancelha se abaixa do lado do nariz e dos olhos, e a boca se erguerá deste lado. Há outra observação a fazer: quando o coração está abatido, todas as partes do rosto também estão.

Mas, ao contrário, quando o coração experimenta alguma paixão, ou se aquece ou se enrijece, todas as partes do rosto têm este movimento e, mais particularmente, a boca. Isto prova que a boca, como já disse, é de todo o rosto a parte que marca mais particularmente os movimentos do coração. Pois é preciso observar que quando o coração se queixa, a boca se abaixa nos cantos; quando o coração está alegre, os cantos da boca se voltam para o alto; quando o coração sente aversão, a boca se projeta para frente e se ergue pelo centro. Eis, Senhores, o que observamos a partir destes simples traços que delineei para vos fazer conceber o que digo.

A ADMIRAÇÃO. Como dissemos que a admiração é a primeira e a mais temperada de todas as paixões onde o coração sente menos agitação, o coração sofre então pouquíssimas alterações em suas partes; e se alguma alteração há, ela se dá tão-somente na elevação da sobrancelha, mas ela terá os dois lados iguais. O olho ficará um pouco mais aberto que de costume, e a pupila situada igualmente entre as duas pálpebras, sem movimento e atenta ao objeto que causa a admiração. A boca também ficará entreaberta, mas parecerá não sofrer alteração, não mais que o restante de todas as outras partes do rosto. Esta paixão não produz senão uma suspensão de movimento para dar tempo à alma de deliberar sobre o que tem a fazer e para considerar com atenção o objeto que a ela se apresenta, pois que, se ele é raro e extraordinário, o primeiro e simples movimento de admiração engendra a estima.

A ESTIMA. E a estima não pode ser representada senão pela atenção e pelo movimento das partes do rosto, que parecem estar presas ao objeto que causa esta atenção; é aí então que as sobrancelhas parecerão avançar sobre os olhos e pressionar o nariz, enquanto a outra parte, permanecendo um pouco elevada, fará com que o olho fique bem aberto e a pupila erguida. As veias e os músculos do rosto parecerão um pouco inchados, assim como as veias que se situam ao redor dos olhos; as narinas parecerão comprimidas, puxando um pouco para a parte de baixo. As faces

ficarão, assim, um pouco afundadas na mandíbula, a boca um pouco entreaberta, os cantos puxando para trás e caindo para baixo. A cabeça parecerá também se projetar para frente e se inclinar sobre o objeto que causa a admiração.

A VENERAÇÃO. Mas se da estima se engendra a veneração, as sobrancelhas ficarão abaixadas na mesma posição de que acabamos de falar. O rosto permanecerá igualmente inclinado, a boca aberta e os cantos contraídos, um pouco mais para baixo do que na precedente ação. Este abaixamento das sobrancelhas e da cabeça marca a submissão e o respeito que a alma manifesta pelo objeto, acreditando-o superior a ela; a pupila erguida parece marcar a elevação do objeto que ela considerou e que sabe ser digno de veneração.

OUTRA VENERAÇÃO. Mas se a veneração é causada por um objeto em que devemos ter fé, então todas as partes do rosto estarão abaixadas mais profundamente do que na primeira ação. Os olhos e a boca permanecerão fechados, mostrando por esta ação que os sentidos exteriores de modo algum participam desta admiração.

O ARREBATAMENTO. Mas se a admiração é causada por um objeto bastante superior ao conhecimento da alma, como pode ser o poder de Deus e sua grandeza, então os movimentos de admiração e de veneração serão diferentes dos precedentes, pois a cabeça estará inclinada do lado do coração, e as sobrancelhas voltadas para o alto, assim como acontecerá com a pupila. A cabeça inclinada como acabei de dizer parece marcar a humildade da alma e sua incapacidade. É igualmente por isso que os olhos e as sobrancelhas não estão atraídos para o lado da glândula, mas voltados para o céu, para onde parecem atraídos como que para ali descobrir o que a alma não pode conceber. A boca está entreaberta, com seus cantos um pouco voltados para o alto, o que dá mostras de uma espécie de arrebatamento. Se, ao contrário do que dissemos acima, o objeto que inicialmente causou nossa admiração nada apresenta em si que mereça nossa estima, este pouco de estima causará desdém e se expressara.

O DESDÉM. Pela sobrancelha franzida e abaixada do lado do nariz e, do outro lado, bastante erguida; pelo olho bastante aberto, e a pupila ao centro, as narinas voltada para o alto, a boca fechada, com os cantos um pouco abaixados, e com o lábio superior subindo um pouco sobre o superior.

O HORROR. Mas, se em vez de desdém o objeto que admiramos causa horror, a sobrancelha ficará então ainda mais franzida do que na primeira ação; a pupila, em vez de se situar no centro do olho, estará embaixo; a boca ficará entreaberta, mas mais contraída ao centro do que pelos cantos, que devem ficar como se estivessem puxados para trás; as narinas parecerão voltadas para o alto e contraídas, e formarão em razão desta ação dobras nas faces; a cor do rosto será pálida, e os lábios e os entornos dos olhos um pouco lívidos. Esta ação se assemelha ao terror.

O TERROR. O terror, quando excessivo, faz com que aquele que o experimenta apresente a sobrancelha bem erguida no centro, e os músculos que atuam no movimento destas partes se abaixem sobre o nariz, que deve parecer contraído no alto, à semelhança das narinas. Os olhos devem parecer extremamente abertos, a pálpebra superior escondida sobre a sobrancelha; o branco do olho deve estar cercado de vermelho, a pupila deve parecer como que perdida, situada mais abaixo do olho do que do lado de cima; a parte inferior da pupila deve parecer inchada e lívida, os músculos do nariz e as narinas deverão também parecer inchados, os músculos das faces extremamente marcados e formando uma dobra de cada lado das narinas. A boca estará bastante aberta, e os lados puxados para trás; todas as veias e tendões ficarão bastante visíveis, tudo estará bastante marcado, tanto na parte do rosto quanto em volta dos olhos. Os músculos e as veias do colo devem estar bastante tensos e aparentes, os cabelos eriçados, a cor do rosto pálida, as extremidades das partes um pouco lívidas, como a ponta do nariz, os lábios, as orelhas e o contorno dos olhos.

Se os olhos parecem extremamente abertos nesta paixão, é porque deles a alma se serve para observar a natureza do objeto que causa o terror. A sobrancelha, erguida de um lado e abaixada de outro, faz ver que a parte elevada parece querer se juntar ao cérebro para protegê-lo do mal que a alma percebe. O lado que está abaixado, e que parece inchado, encontra-se neste estado por causa dos espíritos que chegam ao cérebro em abundância, como que para cobrir a alma e defendê-la do mal que teme. A boca bastante aberta faz ver o espanto do coração que se sente movido pelo sangue fluindo em sua direção, o que o obriga, ao desejar respirar, a fazer um esforço que faz a boca se abrir de modo extremo. E o ar que passa pelos órgãos da voz forma um som não articulado. Se os músculos e as veias parecem inchados, isto se dá pelo fato de o cérebro enviar os espíritos para estas partes.

Se todas as paixões precedentes podem ser excitadas em nós por objetos pelos quais manifestamos estima ou aversão, o mesmo se dá com o amor, quando a coisa que é representada como para nós, isto é, como nos sendo conveniente, como já dissemos, faz-nos ver que por ela manifestamos amor.

O AMOR SIMPLES. Os movimentos exteriores desta paixão, quando simples, são bastante doces e simples, pois a testa será lisa, as sobrancelhas um pouco erguidas do lado em que se encontra a pupila, a cabeça inclinada em direção ao objeto que nos causa amor; os olhos podem estar levemente abertos, o branco do olho bastante vivo e brilhante, a pupila levemente virada do lado em que se encontra o objeto, parecendo um pouco cintilante e erguida. O nariz não sofre mudança alguma, assim como se dá com as demais partes do rosto, pois que, estando somente preenchidas por espíritos que as aquecem, e as animam, elas tornam a cor mais viva e mais

avermelhada, em particular nas faces e nos lábios. A boca deve estar um pouco entreaberta, e os cantos um pouco erguidos; os lábios parecem úmidos e esta umidade talvez seja causada por vapores que escapam do coração.

O DESEJO. Se desejo há, podemos representar esta paixão pelas sobrancelhas que batem e avançam sobre os olhos, que estarão sempre mais abertos que de costume. A pupila estará situada no centro do olho, e plena de fogo. As narinas mais contraídas que habitualmente e um pouco mais erguidas do lado dos olhos. A boca está mais aberta que na precedente ação, e os cantos mais voltados para trás; a língua pode aparecer no canto dos lábios, a cor mais inflamada que no amor: todos esses movimentos fazem ver a agitação da alma causada pelos espíritos que a dispõem a desejar um bem que ela julga lhe ser conveniente.

A ESPERANÇA. Quando estamos propensos a desejar um bem, e que há chances de obtê-lo, este bem excita então em nós a esperança. Ora, como os movimentos desta paixão são mais interiores que exteriores, deles diremos pouca coisa. Somente observaremos que esta paixão mantém todas as partes do corpo suspensas entre o temor e a segurança, de modo que se uma parte da sobrancelha marca o medo, a outra marca a segurança. Desta maneira, todas as partes do rosto e do corpo partilharão e receberão o movimento destas duas paixões.

O TEMOR. Mas se não há chance de se obter o que se deseja, o medo ou o desespero tomam então o lugar da esperança e os movimentos do medo se expressam pela sobrancelha um pouco erguida do lado do nariz, a pupila cintilante e em um movimento inquieto, situada no meio do olho. A boca será aberta, contraindo-se para trás, e mais aberta nos cantos do que no centro, com o lábio inferior mais contraído que o superior. A vermelhidão é maior, maior que no amor ou no desejo, mas não tão bela, pois se assemelha à cor lívida, como lívidos serão os lábios, e mais secos do que na paixão do amor. Mas, aí, o medo se torna ciúme.

O CIÚME. O ciúme se expressa pela testa enrugada, a sobrancelha abatida e franzida, o olho brilhante, e a pupila escondida sob a sobrancelha, voltada para o lado do objeto que causa a paixão, olhando-o obliquamente ou do lado contrário da posição do rosto. A pupila deve parecer brilhante e plena de fogo, assim como o branco do olho e as pálpebras; as narinas devem ser pálidas, abertas e mais marcadas que de costume, e contraídas, o que faz aparecer dobras nas faces. A boca poderá ser fechada, e dar a entender que os dentes estão cerrados; o lábio inferior excede o superior, e os cantos da boca estarão contraídos e bastante abaixados; os músculos da mandíbula parecerão afundados. Haverá uma parte do rosto cuja cor estará inflamada; a outra parecerá amarelada, e as extremidades lívidas; e o fogo deverá se concentrar nos entornos das pálpebras, abaixo do contorno do olho, do próprio branco do olho. As faces serão amarelas, os lábios pálidos ou lívidos.

O ÓDIO. Do ciúme resulta o ódio. E como o ódio e o ciúme muito se assemelham, seus movimentos exteriores são quase idênticos, e não temos nada a observar nesta paixão que seja diferente, ou que tenha algo de particular em relação à precedente.

Após ter falado do ciúme e do ódio, podemos passar à tristeza.

A TRISTEZA. Como dissemos, a tristeza é uma languidez desagradável que faz a alma receber incômodos do mal ou das imperfeições que as impressões do cérebro lhe apresentam.

Eis porque esta paixão deve ser figurada por movimentos que pareçam marcar a inquietação do cérebro, e o abatimento do coração, pois os lados das sobrancelhas são mais erguidos em direção ao centro da testa do que do lado das faces. Uma pessoa que está agitada por esta paixão tem as pupilas perturbadas, o branco do olho amarelo, as pálpebras abatidas e um pouco inchadas; o contorno dos olhos lívido, as narinas puxando para baixo, a boca entreaberta e os cantos abaixados. A cabeça parece languidamente inclinada sobre um dos ombros, toda a cor do rosto plúmbea e os lábios pálidos e sem cor.

DOR CORPORAL. Mas se a tristeza é causada por alguma dor corporal e se esta dor corporal for aguda, todos os movimentos do rosto parecerão agudos, pois as sobrancelhas que se voltam para o alto estarão ainda mais erguidas do que na paixão precedente e se aproximarão mais uma da outra. A pupila se esconderá sob a sobrancelha, as narinas também se voltarão para este lado e marcarão uma dobra nas faces. A boca será mais aberta do que na precedente ação e mais voltada para trás, e fará uma espécie de figura quadrada neste local. Todas as partes do rosto parecerão mais ou menos marcadas e mais agitadas em função da violência da dor.

A ALEGRIA. Se no lugar de todas as paixões das quais acabamos de falar a alegria se apoderar da alma, os movimentos por ela expressos são bem diferentes daqueles que acabamos de notar. Isto porque nesta paixão a testa é serena, a sobrancelha sem movimento, erguida em seu centro; o olho levemente aberto e sorridente, a pupila viva e brilhante, as narinas quase abertas. A boca apresentará os cantos um pouco erguidos, a tez viva, as faces e os lábios avermelhados.

O RISO. E se à alegria se sucede o riso, o movimento se expressa pelas sobrancelhas voltadas para o centro do olho e abaixadas do lado do nariz. Os olhos estarão quase fechados, a boca parecerá aberta e dará a ver os dentes. Os cantos serão puxados para trás e se elevarão para o alto, o que causará uma dobra nas faces, que parecerão inchadas e avançando sobre os olhos. O rosto será vermelho, as narinas abertas, e os olhos molhados e jogando lágrimas que, bem diferentes daquelas da tristeza, em nada mudarão o movimento do rosto, o que se dá apenas quando são excitadas pela dor.

O CHORAR. Então, aquele que chora terá a sobrancelha abaixada em direção ao centro da testa, os olhos quase fechados, bastante molhados e abaixados do lado das faces. As narinas serão inchadas e todos os músculos e veias da testa ficarão aparentes. A boca será semi-aberta, tendo os cantos abaixados, causando dobras nas faces; o lábio inferior parecerá caído e empurrará o superior. Todo o rosto será enrugado e franzido, e a cor bastante vermelha, principalmente no local das sobrancelhas, dos olhos, do nariz e das faces.

A IRA. Quando a ira se apodera da alma, aquele que experimenta esta paixão tem os olhos vermelhos e inchados, a pupila perdida e brilhante; as sobrancelhas parecerão ora abatidas, ora erguidas, e próximas uma da outra. A testa parecerá enrugada, formando dobras entre os olhos; as narinas parecerão abertas e dilatadas, os lábios grossos e caídos, e pressionando um ao outro; e o lábio inferior subirá sobre o superior, deixando os cantos da boca um pouco abertos, formando um riso cruel e desdenhoso.

Ele parecerá ranger os dentes, aparecerá saliva na boca; seu rosto será pálido em alguns lugares e inflamado em outros, e todo inchado. As veias da testa, das têmporas e do colo serão inchadas e tensas, os cabelos eriçados. E aquele que experimenta esta paixão resfolega em vez de respirar, porque o coração está oprimido pela abundância do sangue que vem em seu auxílio.

À ira sucedem, algumas vezes, a raiva ou o desespero.

O EXTREMO DESESPERO. O extremo desespero pode ser expresso por um homem que range os dentes, espuma pela boca e se morde os lábios; ele terá a testa enrugada pelas dobras que descem de alto a baixo, as sobrancelhas serão abaixadas sobre os olhos, e baterão do lado do nariz. Ele terá o olho em fogo e pleno de sangue, a pupila perdida e escondida sob a sobrancelha ou no baixo do olho, parecendo brilhante. Suas pálpebras serão inchadas e lívidas, as narinas grossas e abertas se voltarão para o alto, e a ponta do nariz virará para baixo. Os músculos e os tendões dessa parte serão bastante inchados, assim como todas as veias e nervos da testa, das têmporas, e das outras partes do rosto. O alto das faces parecerá enrugado, marcado e afundado na mandíbula. A boca, que será aberta, mais aberta nos cantos do que no centro, puxará para trás; o lábio inferior será grosso e caído, e todo lívido, assim como o restante do rosto. Ele terá os cabelos lisos e eriçados.

A RAIVA. Tem movimentos semelhantes aos do desespero, mas parecem ainda mais violentos, pois o rosto será quase todo negro, coberto por um suor frio, os cabelos eriçados, os olhos desvairados e em um movimento convulsivo, a pupila fazendo movimentos contrários, aproximando-se ora do lado do nariz, ora se retirando nos cantos dos olhos, do lado das orelhas. Todas as partes do rosto serão extremamente marcadas e inchadas.

Eis, Senhores, uma parte dos movimentos exteriores que observei no rosto. Mas como dissemos no início deste discurso que as outras partes do corpo podem servir à expressão, seria bom falar brevemente a respeito delas.

Se a admiração não causa grande mudança no rosto, ela quase não produz agitação nas outras partes do corpo. Este primeiro movimento pode ser representado por uma pessoa ereta, tendo as mãos abertas, os braços se aproximando um pouco do corpo, os pés um contra o outro e na mesma posição.

Mas, na estima, o corpo será um pouco mais curvado, os ombros ligeiramente elevados, os braços inflectidos e juntos ao corpo, as mãos abertas e se aproximando uma da outra, e os joelhos também inflectidos.

Na veneração, o corpo será ainda mais curvado que na estima, os braços e as mãos quase juntos, os joelhos no chão, e todas as partes do corpo marcarão um profundo respeito.

Mas, na ação que marca a fé, o corpo pode estar totalmente inclinado em direção ao chão, os braços inflectidos e juntos ao corpo, as mãos cruzadas, e toda a ação deve marcar uma profunda humildade.

O arrebatamento, ou êxtase, pode fazer parecer o corpo jogado para trás, os braços elevados, as mãos abertas, e toda a ação marcará uma alegria entusiasta.

No desdém e na aversão, o corpo pode se jogar para trás, os braços na ação de rejeitar o objeto pelo qual se tem aversão. Eles podem igualmente se jogar para trás e os pés e as pernas fazerem a mesma coisa.

Mas, no horror, os movimentos devem ser bem mais violentos do que na aversão, pois o corpo parecerá bastante afastado do objeto que causa o horror, as mãos estarão bastante abertas, e os dedos afastados, os braços bastante presos ao corpo e as pernas na ação de correr.

O terror tem algo destes movimentos, mas eles parecerão bem maiores e bem mais amplos, pois os braços se estenderão para frente, as pernas estarão na ação de fugir com todas as suas forças. Todas as partes do corpo parecerão em desordem.

Todas as outras paixões podem produzir ações no corpo segundo sua natureza. Mas há algumas que quase não são perceptíveis, como o amor, a esperança e a alegria, pois estas paixões não produzem grandes movimentos no corpo.

A tristeza não produz senão um abatimento do corpo, assim como de todas as partes do rosto.

O temor pode ter algum movimento semelhante ao do terror, quando ele é apenas causado pela apreensão de perder alguma coisa ou de que algo de ruim aconteça. Esta paixão pode dar ao corpo movimentos que podem ser marcados pelos ombros oprimidos, os braços grudados ao corpo, assim como as mãos, e as outras partes confundidas juntas, e inflectidas como que para expressar um tremor.

O desejo pode ser marcado por braços estendidos em direção ao objeto que se deseja. Todo o corpo pode se inclinar deste lado, e todas as partes parecerão estar em um movimento incerto e inquieto.

Mas, na ira, todos os movimentos do corpo são amplos e bastante violentos, e todas as partes bastante agitadas. Os músculos devem estar bastante aparentes, mais grossos e mais inchados que de costume, as veias e os nervos tensos.

No desespero, todas as partes do corpo estão quase no mesmo estado que na ira, mas elas devem parecer mais desordenadas e em ações violentas, pois podemos figurar um homem que se arranca os cabelos, se morde os braços, se rasga todo o corpo, corre e se apressa.

Haveria ainda muitas outras coisas a serem observadas se desejássemos expressar todas as paixões detalhadamente e em todas as suas circunstâncias. Mas, Senhores, aceitarei esta pequena amostra do trabalho que fiz para obedecer aos sentimentos de Monsenhor nosso Protetor. Recebei-o, pois, como um trabalho à proporção de minha saúde e do tempo que minhas outras ocupações me permitiram realizar. Sei que há ainda um grande número de paixões das quais aqui não tratei, por causa do temor de vos aborrecer e de abusar de vossa paciência. Mas quando será minha vez de falar nesta assembléia, procurarei vos entreter sobre a fisionomia, e sobre os efeitos que causam as paixões em função da diversidade dos indivíduos que as experimentam.

"L'Expression des passions". In: *Les conférences de l'Académie royale de peinture et de sculpture au XVIIe siècle*. Édition établie par Alain Mérot. Paris: École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 1996, pp. 145-62.